



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XV (2014)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Anthony John R. Russell-Wood, Histórias do Atlântico Português, Ângela Domingues e Denise A. Soares de Moura (orgs.), São Paulo, Editora Unesp, 2014, 404 pp., ISBN 9788539305544

Rogéria Cristina Alves

Como Citar | How to Cite

Alves, Rogéria Cristina. 2014. «Anthony John R. Russell-Wood, *Histórias do Atlântico Português*, Ângela Domingues e Denise A. Soares de Moura (orgs.), São Paulo, Editora Unesp, 2014, 404 pp., ISBN 9788539305544». *Anais de História de Além-Mar XV*: 470-474.
<https://doi.org/10.57759/aham2014.37007>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2014. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2014. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

renovado, complejo, rico de intercambios a todos los niveles y parte de un entramado comercial y de circulación a nivel mundial.

Francisco Zamora Rodríguez
CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

Anthony John R. Russell-Wood, *Histórias do Atlântico Português*, Ângela Domingues e Denise A. Soares de Moura (orgs.), São Paulo, Editora Unesp, 2014, 404 pp., ISBN 9788539305544

O Atlântico como cenário: histórias do império português

A obra *Histórias do Atlântico Português* reúne nove textos produzidos pelo pesquisador John Russell-Wood, em diferentes períodos de sua trajetória acadêmica, sendo que alguns deles foram traduzidos para o idioma português pela primeira vez. Segundo as organizadoras da obra, as professoras Ângela Domingues e Denise Moura, a proposta de lançar um livro neste formato fora ideia do próprio Russell-Wood, que meses antes de falecer, escolheu os textos que seriam publicados e apresentou sua ideia à editora da Universidade Estadual Paulista, a UNESP.

Russell-Wood nasceu em 1940, no País de Gales — Reino Unido. Foi professor no departamento de História da famosa Universidade Johns Hopkins, localizada em Baltimore, nos Estados Unidos. Dedicou-se a estudar a História de Portugal e de seu império ultramarino, tendo sido fortemente influenciado pelo seu orientador e pesquisador Charles Boxer, um dos mais respeitados historiadores ingleses. Residiu por cinco anos no Brasil, no estado da Bahia, onde realizou uma pesquisa minuciosa sobre a Santa Casa de Misericórdia, que foi publicada originalmente em 1968, no livro *Fidalgos e Filantropos: A Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1550–1755*.

Os textos contidos em *Histórias do Atlântico Português* são riquíssimos em pesquisa empírica e referências bibliográficas. Apesar de alguns deles terem sido escritos na década de noventa do século passado, tratam com originalidade algumas temáticas, problematizando-as de forma diferenciada. Assim, o livro é uma referência atual, que sugere debates e propostas investigativas aos pesquisadores luso-brasileiros. Composto por quatrocentas e três páginas, a obra está subdividida em nove capítulos, nos quais o estudo do Atlântico é tido como um ponto de encontro da vida e do movimento de um império¹.

1 Nesta perspectiva, António Luís Alves Ferronha nos recorda que o primeiro livro a tratar deste tema foi o *Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, de Fernand Braudel, no texto: «Angola — A revolta de Luanda de 1667 e a expulsão do governador geral Tristão da Cunha», in Júnia F. Furtado (org.), *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Português*, Belo Horizonte, UFMG, 2001.

A primeira sessão textual intitulada «Antes de Colombo: o prelúdio africano de Portugal à Passagem Atlântica e sua contribuição à discussão sobre raça e escravidão» — o autor trata da descoberta da América, em 1492, demonstrando como os portugueses lidavam com os africanos neste período — tanto em África, quanto em Portugal. Nas palavras do próprio Russell-Wood:

Meu objetivo neste capítulo é tomar 1492 não como o começo, mas como o fim de uma era. O meio século que precedeu a esse ano testemunhou o início de um comércio de escravos exclusivamente marítimo da África subsaariana à Europa. Some-se a isso uma dimensão americana e temos como resultado modificações a tudo que havia sido institucionalizado antes de 1492. (p. 28)

Para o autor, todo o intercuro cultural envolvido na descoberta da América e no trato com os diferentes povos africanos, fez com que os portugueses criassem mecanismos diferenciados e próprios, que tornassem viáveis esses intercâmbios de pessoas, costumes e modos. Ao final do capítulo o autor analisa o legado, de todo este panorama, advindo do século xv, para o Brasil colônia.

A segunda sessão textual é chamada de «Literatura Portuguesa. Visão Geral», nela o autor dedica-se a explorar e apresentar boa parte da literatura que fora produzida sobre Portugal e seu império — do século xiii até o xx, passando por Brasil, África e Ásia. Tal capítulo sugere várias referências bibliográficas para os pesquisadores.

O cerne do livro está exposto no terceiro capítulo, que trata do «Atlântico Português, 1415–1801». O autor ressalta que duas perspectivas poderiam servir de estrutura para este texto: a primeira diz respeito à abordagem convencional de história imperial, que enfatiza o papel das instituições legais tanto na metrópole quanto nas colônias: «Sob essa perspectiva, os interesses metropolitanos predominavam sobre os coloniais e as colônias eram essencialmente «vacas leiteiras» que forneciam matéria-prima em benefício da metrópole [...]» (p. 90). E a outra perspectiva — que é adotada no texto — trata da relação metrópole-colônia num plano conceitual mais amplo. O Atlântico português é analisado sob o ponto de vista do que estava ocorrendo nos territórios ultramarinos da África e do Brasil. Neste sentido, Russell-Wood amplia a visão que se tem do império português, numa perspectiva em que existiam:

[...] diásporas comerciais complexas, emaranhadas e intercoloniais sem um componente metropolitano; populações multinacionais, multiétnicas e políglotas; predominância de indivíduos de raça mestiça; ambiguidade e ambivalência em relação a cor, raça, status social e identidade individual e coletiva; e uma vida religiosa em que se podia ser devoto tanto do catolicismo quanto de outros sistemas e práticas de crença. (p. 90)

Em «Portos do Brasil colonial», o autor esmiúça a importância dos portos coloniais brasileiros. Além de tratar dos aspectos físicos e geográficos inerentes a esta temática, Russell analisa o aspecto social das conquistas marítimas portuguesas através de seus prin-

cipais empreendedores: os marinheiros. Relegados às camadas mais baixas da sociedade, os marujos possuíam uma reputação duvidosa, que frequentemente era endossada pelas autoridades civis e eclesiásticas. As cidades portuárias sofriam as consequências sociais da presença de tripulações advindas das diferentes partes do império português: sofriam com as doenças trazidas por esses viajantes, que na maioria das vezes eram repassadas às populações locais; tinham que lidar com a violência, com a prostituição, com os furtos e confusões que os marinheiros provocavam; além de arcar com o ônus de abastecer os navios — carne, sal e água eram as mercadorias básicas. Contudo, a importância dos portos não pode ser descartada: eram centros de trocas comerciais e de administração, serviam como postos de guarnição para defesa e representavam os maiores núcleos demográficos da colônia (p. 173).

Na quinta sessão textual, chamada de «Uma presença asiática no negócio de transporte de metais preciosos, 1710–1750», Russell analisa o papel assumido pelos navios que transportavam metais preciosos e transitavam do Brasil para Portugal. O autor resalta que «o império marítimo português» — expressão cunhada por Charles Boxer — dependia diretamente do trânsito marítimo, estabelecido pelas chamadas «carreiras» — as ligações marítimas entre diferentes portos.

Os pilares do comércio marítimo português eram a carreira da Índia entre Lisboa e Goa e Cochim — com a ilha de Moçambique como um porto de escala com conexões a leste de Goa para Malaca, Macau, Japão e Ilhas Molucas e Banda — e a carreira do Brasil, entre Lisboa (mesmo frequentemente, Porto e Setúbal) e os portos brasileiros de Salvador e Rio de Janeiro, principalmente, e Pernambuco (p. 178).

No decorrer do século XVIII os portos brasileiros ganhariam maior importância e se transformariam em locais de escala para os navios que circulavam pelo império português. O objetivo principal do autor é destacar um componente asiático nas remessas de metais preciosos, presente nos navios da carreira do Brasil: os consignadores individuais, residentes na Índia. E também os consórcios de mercadores indianos e chineses. Os consignadores entregavam as remessas a bordo dos navios — o que poderiam fazer em seu próprio nome ou atuar como agente para terceiros — esses indivíduos podiam ou não acompanhar a carga no navio até seu destino final. Entre os grupos sociais que desempenhavam esta função estavam os comerciantes, as autoridades do Estado ou da Igreja, aventureiros e especuladores.

Longe de ser um artigo de caráter quantitativo, o texto fornece um perfil institucional e social destes personagens — homens e mulheres que participaram ativamente da rede multicontinental e multioceânica do comércio marítimo português setecentista.

Em «A dinâmica da presença brasileira no Índico e no Oriente. Séculos XV–XIX» é discutida a presença brasileira no Índico e no Oriente, no contexto de uma história que contempla os dois hemisférios do império português. Neste texto fica clara a perspectiva da fragmentação do império português. Fragmentação essa que nos permite considerar o império sem fazer referência direta à metrópole, sabendo que os «impérios-sombra» que se formaram nas diferentes colônias além-mar, possuíam características próprias — permeadas pelo trânsito de pessoas, objetos e culturas. Russell-Wood vai além e testa a hipótese de

que existiram aspectos administrativos e comerciais estabelecidos de vínculos diretos entre o Brasil e o Estado da Índia. Sem a pretensão de esgotar o tema, o autor reconhece que há muito a ser estudado neste sentido:

A realidade é que o Brasil deixou poucos traços materiais ou artísticos no Oriente e que produtos comerciais e artísticos orientais da Ásia causaram maior impressão no Brasil do que o inverso. Esse impacto reflete a demanda, no Brasil colonial, por sedas, porcelanas, objetos de marfim e pedras preciosas do Extremo Oriente, e por tecidos, bandejas, verniz de laca, caixas de madeira, chá, pimenta e especiarias da Índia. Em 1758, o conde dos Arcos, vice-rei de Salvador, escreveu que porcelana era a «droga que mais facilmente se vende nesta terra». (p. 231)

No texto «Através de um prisma africano: uma nova abordagem ao estudo da diáspora africana no Brasil colonial», Russell-Wood lança um olhar diferenciado sobre as relações entre África e Brasil. Para o autor, as diferenças entre o continente e o Brasil precisam também ser enfocadas e o debate em torno da temática precisa ser ampliado. A chave usada para compreender tais diferenças situa-se na presença, no interior da América portuguesa, de escravos nascidos na África. A partir das diferentes procedências entre os grupos étnicos dos cativos é construída uma análise que enfatiza as particularidades de cada região da África — diferenças étnicas e culturais, assim como as diferenças associadas ao comércio e aos padrões de troca de mercadorias são importantes e devem ser consideradas: «As economias demonstraram níveis de diversidade regional, refletindo variações climáticas, atribuíveis às oscilações na queda de chuvas e na topografia, tanto quanto à oferta e à demanda.» (p. 242).

Ao longo do texto, Russel levanta várias questões e lança as bases para futuras investigações que poderiam ser empreendidas por historiadores do Brasil colonial, pois acreditava que suas formulações poderiam: «[...] estimular o desenvolvimento de novas metodologias, a busca de novas fontes e o encorajamento de cooperação, colaboração, bem como o aumento de trocas positivas entre pesquisadores nas e das Américas e seus colegas da África.» (p. 278).

No oitavo texto da obra, chamado de «Fronteiras do Brasil Colonial», o pesquisador cria uma nova abordagem para estudar a fronteira. Para ele, o termo pode ser visto como uma área de interação entre diferentes culturas. Nesse ínterim, Russell aborda o sertão do Brasil colonial: «Era uma região esquecida por Deus e desconhecida do homem civilizado.» (p. 280).

As características que marcavam a cultura do sertão eram três: violência, evasão e a inortodoxia religiosa. Ainda neste cenário, o autor analisa como as três culturas — a africana, a europeia e a indígena — se reuniram na América Portuguesa. Uma abordagem interessante, que sugere caminhos de pesquisa pouco utilizados e até mesmo inéditos para historiadores do Brasil colonial.

No texto que encerra o livro, Russell-Wood dedicou-se a expor, sob uma nova teoria, a questão do governo local na América Portuguesa. Em «O governo local na América Portuguesa: Um estudo de divergência cultural», o autor parte de duas premissas básicas para

analisar em que medida as formas de governo local refletiam sua fonte de origem. A primeira analisa a temática tendo em vista o processo de crescimento e expansão, e a segunda afirma a existência de um órgão administrativo principal.

É cediço que o estudo do oceano como ponto de convergências de culturas e encontros fora uma perspectiva adotada originalmente pelo historiador Fernand Braudel. E que tal visão fora compartilhada por outros historiadores e recriada ao sabor das circunstâncias, o que não a torna menos interessante. Tributários desta perspectiva de investigação há vários trabalhos de grande relevância historiográfica. A título de ilustração, podemos citar *O Trato dos viventes: A formação do Brasil no Atlântico Sul*, de Luís Felipe de Alencastro, e *O Atlântico Negro*, de Paul Gilroy — ambos, trabalharam com história do oceano Atlântico, embora possuam enredos totalmente diversos. É indubitável que *Histórias do Atlântico Português* constitui-se num material portador de perspectivas inovadoras para a historiografia. Ainda que tenha sido produzido com um aspecto de «colcha de retalhos» — em que textos produzidos em diferentes épocas foram amarrados num só enredo — os pontos de vista adotados por Russell-Wood no conjunto dos textos, dão nova tônica a temáticas já visitadas pela historiografia. O olhar, os métodos e a rica bibliografia utilizados pelo autor sugerem caminhos profícuos e inéditos aos pesquisadores da história do império português.

Rogéria Cristina Alves

Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais

Mariana P. Candido, *An African Slaving Port and the Atlantic World: Benguela and its Hinterland*. Nova York: Cambridge University Press, 2013, 388 pp. ISBN 9781107529748

Benguela nas garras do tráfico de escravos

À historiografia de fôlego, sobre regiões da África envolvidas no tráfico transatlântico de escravos, ao estilo de Philip Curtin, Robin Law e Joseph Miller, vem juntar-se o livro de Mariana P. Candido sobre Benguela e o seu interior durante a era do tráfico atlântico de escravos.

Tão abrangente quanto a sua cronologia são os temas que a autora aborda, embora eles possam ser agrupados de acordo com os debates em que se inserem, explicitados no início do livro e retomados em seus cinco capítulos: «a major reassessment of the impact of the Trans-Atlantic slave trade on African Societies» (p. 8); a «crioulização» ou as transformações culturais que marcaram os habitantes da região em razão do escravismo e do tráfico de pessoas (p. 10–1); o surgimento de uma sociedade escravista na África e os efeitos do colonialismo português (p. 13); e a ênfase no papel de portugueses e luso-brasileiros no escravismo e tráfico em Benguela (pp. 20–1).